

# A necessidade de uma visão holística

José Manuel Pedreirinho | Presidente da Ordem dos Arquitectos | [presidencia@ordemdosarquitectos.pt](mailto:presidencia@ordemdosarquitectos.pt)

*Não é necessário estarmos na posse de muita informação técnica para sabermos que as alterações climáticas com que estamos a ser confrontados, um pouco por todo o mundo, estão e irão seguramente continuar a afectar profundamente o património construído.*

**D**e que formas não sabemos bem. Sabemos, isso sim, que as mudanças serão muito diversas. Muitas serão imprevisíveis e só a pouco e pouco nos iremos apercebendo das suas consequências. Conhecemos bem a ligação muito directa entre o património construído e as condições naturais dos sítios, mas esquecemos muitas vezes de nos precaver das consequências inevitáveis que estas mudanças causam nos edifícios.

Os alertas para estes riscos são já antigos pois, pelo menos desde os anos 60, sucedem-se os estudos e relatórios de diversas organizações internacionais que se têm debruçado sobre estes temas. Alertas que se vêm agudizando nas sucessivas chamadas de atenção sobre temas como a necessidade de um desenvolvimento sustentável ou os cuidados necessários para limitarmos o contínuo aumento da emissão de gases com efeito de estufa, ou a desregulada extração e consumo de materiais. Alertas feitos por diversos organismos internacionais com destaque para a UNESCO, mas sistematicamente desvalorizadas por decisores políticos, geralmente mais atentos aos problemas do curto prazo.

Encarámos alguns destes avisos como consequências mais ou menos alarmistas ou até como fruto de possíveis “negócios do clima”. “Negócios” que existirão onde os interesses mais variados, desde os económicos aos políticos, tentarão ‘vender’ ideias ou decisões

neste ou naquele domínio de conhecimentos; mas não será esse o maior perigo desta que já foi referida como uma “sociedade de riscos”.

A verdade é que a subida das águas dos mares é bem real e coloca em perigo algumas cidades e diversos territórios. Uma realidade com a qual, mesmo aqui em Portugal e a curto prazo, iremos ser confrontados. Estamos também cada vez mais conscientes dos efeitos de um aquecimento global e de alterações climáticas diversas, que já não são só as que conhecemos dos estudos científicos, pois todos começamos a sentir os seus efeitos no nosso dia a dia. Todas estas realidades que ultrapassam os limites geográficos dos estados e cuja solução tem de ser encontrada numa visão global.

Esquemáticamente podemos considerar dois tipos de problemas que directamente afectam o património: os efeitos físicos e os sociais. Entre os primeiros encontramos desde as alterações do ecossistema, até às alterações na comunidade biótica, ou às consequências de fenómenos de erosão, que poderão afectar sobretudo sítios arqueológicos, por natureza mais expostos, mas que não se limitam a estes. Podem também reflectir-se em fenómenos mais locais desde a afectação de estruturas históricas onde predominam materiais e técnicas que, pela sua porosidade, são particularmente sensíveis às alterações freáticas, muitas vezes provocadas pelo homem, e assim expostas a uma mais fácil propagação de fungos, ou até à

sua fragilização estrutural, ou a cada vez maior exposição a novas infestações biológicas em materiais orgânicos, onde as madeiras são dos materiais mais afectados.

Conhecemos melhor os diferentes ritmos e tempos da natureza, dos materiais ou das nossas evoluções culturais e o modo como o entendimento de cada um destes temas se reflecte no património construído. Estamos, por isso, seguramente, a encarar com outro cuidado algum experimentalismo que, ainda recente, tão prejudicial foi no modo como se quiseram misturar materiais e técnicas tradicionais com novos materiais, nem sempre suficientemente ensaiadas. Os resultados foram, em alguns casos, desastrosos, devido a comportamentos que, ao longo do tempo, nem sempre eram os esperados. Ainda que continuemos a experimentar novas soluções e tecnologias, como as que estão a ser ensaiadas para a reconstrução de Aquila, após o terramoto de 2009, a atenção com que o fazemos é hoje em dia bem diferente. Mas há ainda outros efeitos, aparentemente menos directos e muito mais difíceis de quantificar, mas nem por isso menos importantes.

Pelo contrário, estamos cada vez mais conscientes da importância determinante dos efeitos sociais provocados por estas mudanças. Efeitos que, na sua forma mais visível, se podem reflectir em emigrações significativas de populações, mas que se reflectem também no modo como nós próprios encaramos e





1



2



3

1 | Aquila tem sido um laboratório de experimentação de novos materiais e técnicas de reabilitação e ensaio de novas capacidades de resistência aos sismos.

2 | Muitas das alterações climáticas com que estamos confrontados são uma consequência directa da acção do homem. Lisboa, 2018.

3 | Castelo de Noudar, o abandono da população desta vila, habitada ainda no século XIX, e que emigrou para Barrancos, levou à rápida destruição do seu património.

4 | Patrimónios eruditos e a sua apropriação pelo tradicional. A sua vivência e destruição. © A. Menêres



4





“

**Estamos cada vez mais conscientes da importância determinante dos efeitos sociais provocados por estas mudanças.**

**Efeitos que, na sua forma mais visível, se podem reflectir em emigrações significativas de populações, mas que se reflectem também no modo como nós próprios encaramos e vivemos o património construído ou preservamos o património imaterial, ou seja nos nossos hábitos de vida, pois não nos podemos esquecer o quanto nós próprios temos sido os causadores de muitas das alterações climáticas com que somos afectados.**

”



5

**5** | Lascaux, a réplica, mais verdadeira que o original, como forma de permitir a visualização de um património que não suporta outro tipo exposição à presença dos turistas.

**6** | Atenas, Acrópole. Visitar os sítios, mas ter deles uma visão virtual.

**7** | Atenas, acrópole, o turismo de massas, as alterações climáticas e as consequências sobre o património.







6



7

vivemos o património construído ou preservamos o património imaterial, ou seja nos nossos hábitos de vida, pois não nos podemos esquecer o quanto nós próprios temos sido os causadores de muitas das alterações climáticas com que somos afectados.

A progressiva e rápida concentração em grandes cidades, onde se espera que a maior parte da população mundial viva nos próximos anos, tem levado a um cada vez mais rápido e progressivo abandono de grandes áreas do nosso território, com a sua rápida renaturalização, mas também com o abandono de muito do património que ali existe. Há até quem já defenda que a consequente reorganização da natureza tenha o efeito positivo de permitir a reposição de equilíbrios há muito perdidos, mas seguramente que o abandono de todo um património histórico, sedimentado ao longo de séculos de ocupação humana nesses territórios, não sobreviverá a esse mesmo abandono da população.

Estamos também a viver formas cada vez mais massificadas de viver o património, formas que dificilmente se adequam ao cuidado exigido pela fragilidade de muitos destes locais. A imensa quantidade de turistas que visita certos locais já levou ao encerramento de alguns deles ou à necessidade de controlar o número de visitantes que lá vão. Em casos mais extremos optou-se pela construção de réplicas. Algumas das peças escultóricas expostas nos museus são réplicas dos originais, como as grutas de Lascaux, elas próprias uma réplica da cave original que, por necessidades da sua preservação, já não pode ser visitada.

Será que de futuro apenas poderemos visitar estas clonagens do património? De facto, temos de encontrar, cada vez mais, formas de entender a conservação do património como uma tarefa global. Formas de responder aos novos problemas postos pela poluição, pela necessidade de novas acessibilidades, ou de segurança, mas onde os materiais e as técnicas nunca estejam

desligados da especificidade dos lugares, nem das pessoas que os conhecem e usam.

O conceito de *Baukultur* surge neste contexto com uma importância crescente para esse necessário entendimento do património. Um entendimento que vai muito para além das técnicas de materiais e soluções usadas, para além da própria cultura, para abordar toda a globalidade que, do território à distribuição populacional, se centra nas suas preocupações e necessidades do homem. Só nessa visão global e holística poderemos encontrar as soluções para os muitos desafios, e para as muitas contradições que se colocam na relação entre as alterações climáticas e o património construído, mas também o imaterial.

Uma visão que terá de se centrar sempre nas necessidades do homem ■

\* Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.